

# Leitura juvenil e a sociedade da pressa

**Andréa Pereira dos Santos** (UFG) - andreabiblio@gmail.com

## **Resumo:**

*Vive-se na chamada sociedade da pressa. Entretanto, além da pressa, esse mundo é carregado de imagens, informações, leituras. Em meio a esse turbilhão chamado de globalização, existe a juventude. Dessa forma, propõe-se a discutir a relação do jovem com a leitura na sociedade da pressa a partir de algumas entrevistas feitas no Colégio Estadual Genesco Ferreira Bretas. Conclui-se que apesar das falas não mostrar claramente suas práticas de leitura, percebe-se que elas podem estar presentes, mas em outros formatos diferentes do livro.*

**Palavras-chave:** *Práticas de leitura. Juventude e leitura*

**Eixo temático:** *Eixo 1: Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)*

## **XXVII Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**

**Fortaleza, 16 a 20 de outubro de 2017**

**Eixo Temático: 1 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**

**ODS: 4**

**Resumo expandido**

### **Introdução**

A leitura é, numa visão semiológica, um imperativo. Todos os sujeitos deste mundo, rodeado de coisas por todos os lados, compelidos a se defender dos diferentes impulsos provenientes de artefatos materiais e simbólicos da propaganda, da publicidade e do marketing; lançados em espaços cheios de sinais são sugeridos a interpretar, a cada minuto, um sem-fim de informações conforme havia ponderado Barthes (1987). Ler é, assim, um mecanismo da ação social.

Todavia, um paradoxo se coloca: quanto mais o sujeito contemporâneo se vê na obrigação de interpretar coisas e situações mais a pressa, como característica central deste tempo, impede que o faça com esmero e com profundidade. Ao vislumbrar este paradoxo, poder-se-ia perguntar: como formar o leitor na sociedade da pressa?

Dessa forma, propõe-se a discutir a relação do jovem com a leitura na sociedade da pressa a partir de algumas entrevistas feitas no Colégio Estadual Genesco Ferreira Bretas em Goiânia-Goiás.

### **Método da pesquisa:**

Para a efetivação deste trabalho, partindo dos pressupostos de que “a leitura do texto produz o texto da leitura” - e de que “todo dizer é um trânsito entre o simbólico e o político” – serão apreciados, por meio da metodologia História de Vida, textos que revelam a leitura de jovens alunos da periferia proletária de Goiânia, mais precisamente alunos adolescentes na faixa etária de 11 a 16 anos do Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas em Goiânia.

Pediu-se para que esses sujeitos escrevessem o modo como vêem a sua vida a partir do seu lugar na escola. Os textos foram feitos com a sua inteira disposição e liberdade para que, posteriormente, pudéssemos avaliar a sua postura de leitor de si mesmo e do mundo radicados no ambiente escolar.

Para aprofundar a interpretação da leitura feita pelo jovem aluno apresentaremos motes que estão presentes na produção da subjetividade contemporânea. Serão apresentados também princípios sobre o mundo da juventude atual, seus impasses e suas possibilidades.

### **Resultados**

Espelhada em espaços fluídicos, determinada pela aceleração do tempo, efetivada sob o suporte de meios que alteram o conteúdo da comunicação em forma de simultaneidade; exemplificada no financeirismo da bolsa de valores e gestada pelos sistemas abstratos e impessoais dos meios tecnocêntricos, essa sociedade transforma os atributos que produzem a subjetividade do sujeito – e lhes fazem perplexos. Geralmente, comandado pelo ritmo das metrópoles, obrigado a se inserir em padrões moduláveis e flexíveis do trabalho, entregue a imposição do mercado organizado em nível mundial, o sujeito é cada vez mais complexo como é o objeto de sua leitura: o mundo atual.

Em se tratando da juventude, sujeito que, pela etariedade e pelo grau de socialização em que se situa, necessita de formar gostos, hábitos, princípios e métodos de leitura, essa complexidade parece brutalizar mais os conflitos. Irradiados pela cultura juvenil – ou pelo que se tem denominado juvenilização do mundo – o jovem é taxado de indisciplinado, ansioso, inconsistente. Apedrejado no campo das representações sofre impulsos de toda sorte. É chamado a consumir coisas e símbolos que são voláteis, assim como lhe é exigido para obter trabalho, emprego ou profissão, uma qualificação que seja capaz de enfrentar as tramas de um mundo globalizado.

Essas assertivas, por certo, declaram que há um novo sujeito com outro dispositivo perceptivo e mental. Da mesma maneira, que há outros tipos de objetos de leitura e outras situações em que ocorrem – e devem ocorrer. O sentido histórico do leitor e do mundo que se lhe apresenta à leitura é patente e seiva para dirimir os meios de refletir o assunto diante dos desafios contemporâneos.

Pode-se dizer que entre o sujeito que lê e o objeto que é lido há um atravessamento histórico-espacial. Se a essência da leitura é a produção de sentido conforme declara Orlandi (1988) a multiplicidade de objetos correspondem a variedade de sujeitos que lê, como há, também, uma multiplicidade de modos de leitura. Pode-se dizer que há leitores e leituras, interpretações e resultados – no plural.

## **A LEITURA DA VIDA NA ESCOLA DA PERIFERIA**

A partir do grupo de estudo “Espaço, Sujeito e Existência” várias pesquisas e estudos foram feitos. Muitos desses estudos e das pesquisas tiveram apoio em trabalhos de componentes que participam direta ou indiretamente do grupo. Para efeito desse trabalho foram selecionados 5 (cinco) textos de jovens de 11 a 17 anos da região noroeste de Goiânia, conhecida como um território de população com baixa renda.

O resultado do trabalho foi utilizado na disciplina Demografia, inserida no curso de Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais, da Universidade Federal de Goiás. Parte dos estudos serviu para que fizesse um evento de formação de leitores juntamente com profissionais do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, em que se promoveu, até o presente momento, 8 (oito) eventos mirando questões de leitura.

A partir dos relatos de história de vida dos alunos do Colégio Genesco Ferreira Bretas, podemos perceber que a leitura (pelo menos a ideia que eles tem

de leitura) não está incluída na história de vida deles. Entretanto devemos analisar a questão “leitura” por vários focos.

A primeira questão é a leitura praticada na escola ou para a escola. Na história de vida não ficou claro qual é a relação das atividades extra-classe com o dia a dia dos alunos. Eles focaram muito em atividades que eles fazem quando não estão na escola e em nenhuma dessas atividades falaram sobre as atividades extra-classe. Eles focam sua participação da escola nas relações de amizade que possuem.

Seria preciso ir mais a fundo na tentativa de tentar perceber qual é a relação dos alunos com as leituras extra-classe. O “não falar” da leitura nos relatos acima não quer dizer que há uma total falta dessa atividade na vida dos alunos. Talvez a leitura que eles pratiquem não é a mesma leitura requerida pela escola, como atividade escolar.

O “mexer no computador” é leitura. A partir do momento em que eles atualizam e leem os perfis deles próprios e dos outros, consultam a Internet para alguma curiosidade, conversam com os outros pelos *chats* e navegam por outros caminhos, eles estão de fato lendo. Talvez não aquilo que a escola impõe como leitura, mas aquela leitura que os agrada.

Por serem estudantes financeiramente desfavorecidos, percebemos que o acesso à leitura e até mesmo à bibliotecas fica comprometido. Para se ter uma ideia, Goiânia possui apenas 3 bibliotecas públicas para atender a uma população de um milhão e meio de pessoas. Além disso, as bibliotecas escolares também não são realidade conforme pesquisa em andamento realizada pelo curso de biblioteconomia da UFG<sup>1</sup>.

Ser cidadão de baixa renda, compromete também a aquisição de livros, pois conforme a Pesquisa Retratos de Leitura no Brasil de 2016<sup>2</sup>, quanto mais poder aquisitivo maior o número de pessoas consideradas leitoras<sup>3</sup>.

Além disso, segundo Abreu (2001), a leitura no Brasil já surge com diversos preconceitos por certos gêneros literários como o romance, a novela e as demais histórias de ficção que não eram valorizados pelos letrados e eruditos da época, que consideravam só os clássicos da antiguidade como leitura válida. Pelo que podemos entender dos estudos de Abreu, o mesmo acontece nos dias de hoje.

O preconceito de alguns gêneros literários se arrasta até os dias de hoje. A esse respeito Abreu (2001) relata que as atividades escolares canonizam certas leituras como ideais e não consideram as outras leituras praticadas pelos alunos, como por exemplo, as leituras que fazem dos blogs, sites de relacionamento e até mesmo o youtube as quais foram citadas por esses estudantes.

Para Abreu (2001) os livros populares, a leitura de massa não é bem vista pela escola. Bons são os de difícil entendimento, os canonizados. Esse receio por

---

<sup>1</sup> Pesquisa em andamento. Nos resultados dessa pesquisa, os dados mostram que quase 80% das escolas tem bibliotecas, porém 90% não possuem estrutura física, em termos de m<sup>2</sup>, condizente com os parâmetros propostos para essas instituições.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/confirme>

<sup>3</sup> Para Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil é leitor aquele que leu um livro ou parte de um livros nos últimos 3 meses.

parte dos educadores perdura até os dias atuais dificultando a circulação das ideias e o aprendizado dos alunos que começam a pensar que não são leitores, por que não lêem os livros devidos. A leitura dos brasileiros é diversificada em relação aos conteúdos e ao suporte. De acordo com Abreu, “talvez tivéssemos muito a ganhar se considerássemos que leituras são diferentes e não piores ou melhores; se entendêssemos que diferença não precisa ser sinônimo de desigualdade” (2001, p.156).

A partir dessas reflexões, seria interessante aprofundar melhor na problematização das práticas de leitura praticada pela juventude hoje em dia e não apenas considerar que essa juventude é uma geração de não leitores.

### **Considerações Finais ou Conclusões**

Como já disse Paulo Freire, a leitura de mundo antecede a leitura do escrito. Assim sendo é importante considerar que antes mesmo da alfabetização o sujeito já praticava sua leitura de mundo. Essa leitura de mundo, nada mais é a história cultural de cada um do nascimento até sua morte.

É fato que a lição vista em casa contribui para formação do sujeito desde sua intelectualidade até seu caráter.

Entretanto, a vida muda. As tecnologias mudam e mudam também certos pontos de vista. Com relação as tecnologias, percebemos que elas tem mudado com uma velocidade cada vez maior e atraído bastante os jovens.

Essa atração dos jovens pelas tecnologias, em especial a Internet, tem confundido os pais e educadores e deixando-os desconfiados. Foi o mesmo que aconteceu quando a leitura deixou de ser feita em voz alta e passou a ser silenciosa. Os padres naquela época ficaram bastante desconfiados (MANGUEL, 1997).

Da mesma forma como no passado com a passagem da leitura oralizada para a silenciosa, percebeu-se uma “liberdade” maior do leitor, podendo agora, longe dos ouvidos de quem controlava as leituras, ler o que quiser.

O mesmo acontece com a Internet. Lá pode-se navegar por diferentes mundos e passar por diferentes caminhos, diferentes leituras.

Por fim, precisamos estudar melhor e compreender as “novas leituras” e essas leituras dentro do espaço de pertencimento do jovem.

### **Referências:**

ABREU, Márcia. Diferenças e Desigualdade: Preconceitos em Leitura. In: MARINHO, Marildes (Org.). **Ler e navegar**: espaços e percursos da leitura. Belo Horizonte, MG: Ceale, 2001, p.139-157.

BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1987.

CAVALCANTI, Mônica Lima. Leitura, prazer e a formação do sujeito leitor na realidade escolar brasileira. In: V EPEAL: PESQUISA EM EDUCAÇÃO:

DESENVOLVIMENTO, ÉTICA E RESPONSABILIDADE SOCIAL. **Anais....** ISSN: 19813031. Alagoas, 2010.

JOUBE, Vicent. **A leitura**. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1993.

MACHADO, Leila Domingues. **Psicologia: questões contemporâneas**, Vitória, 1999. Disponível em <http://www.ufes.br/ppgpsi/files/livros/Subjetividades%20contempor%C3%A2neas.pdf>. Acesso em outubro de 2012.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Ed. Cortez, 1988.

RÔSING, T. M. K.; BRISTOTT, M. I. Reflexões sobre leitura, literatura e constituição do sujeito (leitor): as dimensões da leitura e a constituição do sujeito (leitor). In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LEITURA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL. **Anais.....** Porto Alegre: PUCRS, 2009.

ROLNIK, Suely. **Toxicômanos de identidade subjetividade em tempo de globalização** (1997). In: Revista eletrônica do Núcleo de Estudos da Subjetividade – pós-graduação em psicologia clínica da PUC-SP. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm>>.

SANTORI, Andreia et al. Leitura processo de aprendizagem. **Revista Voz das Letras**, Concórdia, n. 02, jan./jul, 2005.

TAKEUTI, N. **Subjetividades e vínculos sociais**. In: SOUZA, I.M. Café Filosófico: filosofia, cultura, e subjetividade. Natal: EDUFRN, 2004.